A FORMAÇÃO DO LAICATO: O CONTRIBUTO DE JOSÉ COMBLIN PARA OS DIAS ATUAIS

Alzirinha Souza[1]

Resumo
Tem muitos elementos na Igreja e na Teologia que nascem da "tradição da fala do Povo de Deus". De tanto falar e comentar, passam a fazer parte da paisagem, se concretizam, tornam-se credíveis e finalmente determinam aquele que fala. Assim é o tema do laicato. Para José Comblin. Sua prática e sua experiência pastoral os colocam imediatamente em relação, e de fato, o cuidado com o laicato é uma de suas marcas. A diferença, é que para Comblin, essa lenda se confirma na realidade. Para ele, o cuidado, a proximidade e a dedicação a formação laical, é uma opção eclesial clara que nasce primeiramente da compreensão de uma Igreja que antes de tudo POVO DE DEUS, e em segundo lugar da necessidade de buscar soluções de continuidade para o anúncio do Evangelho, compreendido como a primeira missão da Igreja no mundo...
Palavras-chave: Comblin. Laicato. Experiência pastoral.

Tem muitos elementos na Igreja e na Teologia que nascem da "tradição da fala do Povo de Deus". De tanto falar e comentar, passam a fazer parte da paisagem, se concretizam, tornam-se credíveis e finalmente determinam aquele que fala. Assim é o tema do laicato. Para José Comblin. Sua prática e sua experiência pastoral os colocam imediatamente em relação, e de fato, o cuidado com o laicato é uma de suas marcas.

A diferença, é que para Comblin, essa lenda se confirma na realidade. Para ele, o cuidado, a proximidade e a dedicação a formação laical, é uma opção eclesial clara que nasce primeiramente da compreensão de uma Igreja que antes de tudo POVO DE DEUS, e em segundo lugar da necessidade de buscar soluções de continuidade para o anúncio do Evangelho, compreendido como a primeira missão da Igreja no mundo.

Lembro-me de nosso primeiro encontro, em outubro de 2010, meses antes de ir a Louvain para desenvolver minha pesquisa doutoral em seu pensamento. Me dizia Comblin: *"Eu não rezo mais para vocação sacerdotal nenhuma. Rezo para leigos/as do povo de Deus assumirem seu papel na Igreja e se um dia entenderem que serão sacerdotes religiosos/as, que saiam do meio do Povo, livres para assumirem seu papel igualmente na Igreja"*[2]. O que para mim a

[1] Souza, A. Leiga, Graduada em Teologia pela PUCSP, Mestre em Teologia pela Universidade San Dámaso, Madrid, Dra. em Teologia pela Universidade Católica de Louvain e Pós-Doutorado em Teologia pela UNICAP Recife. Atualmente é professora e pesquisadora da PUCMinas e do ITESP-SP.
[2] Souza, A. Entrevista pessoal com José Comblin. São Paulo, 25 de novembro de 2010. Paróquia São Domingos – Perdizes.

princípio foi uma grande surpresa, foi ganhando novo sentido ao longo dos meus estudos e ntrando cada vez mais em seu pensamento e compreendendo sua prática pastoral.

Repito inúmeras vezes e com muita certeza: não há como compreender Comblin admirando-o de longe e nem sem perceber a contextualidade de sua obra que é eminentemente vinculada a sua caminhada pastoral. Exímio observador silencioso, escrevia o que via e percebia na realidade da Igreja e por isso avançava a pensar sempre a frente e para perspectivas diferentes das já postas. E o fazia de uma forma livre. Aprendendo de Paulo (o Apóstolo), a liberdade do missionário, estruturou sua vida de forma a não depender econômico, político, eclesial e socialmente de ninguém. Trabalhou uma vida para ter de onde tirar o seu sustento pessoal e através dos amigos que fez ao longo dela, conseguia recursos para aquilo que se tornou sua prioridade há mais de 30 anos antes de sua morte: formar leigos que fossem missionários profetas, anunciadores do Evangelho e lutadores para sua encarnação através da possibilidade de transformação nas duras terras do NE Brasileiro.

Se o seu sonho era pessoal, o fazia também porque acreditava na Igreja pós Conciliar, onde cada membro eclesial deveria tornar-se sujeito, dentro da caracterização de Igreja Povo de Deus. E quando essa expressão de cunho bíblico foi ameaçada nos anos seguintes ao Concílio, não teve dúvidas em escrever a obra "Povo de Deus" (2000) em resposta ao anulamento pretendido por aqueles que não aceitavam os novos tempos.

Em sua mais brilhante e fundamental obra, *O provisório e o definitivo* (1968), expressa a importante da provisoriedade da História, espaço privilegiado da ação Deus, buscou construir com sua prática uma Igreja oposta ao modelo "romano". Pensava um Igreja que é antes de tudo, impulsionada pelo ES, que observa o Sinais dos Tempos, e que trás em si, aqueles intelectuais realizadores de ações humanas, é dizer, aqueles que são flexíveis mediante os desafios, que dialogam com a diversidade, que querem fazer a experiência do Evangelho de forma encarnada na história, cuja base é majoritariamente laica. É para essa Igreja que Comblin pensa a formação profética de leigos/as.

COMBLIN E SUA PERCEPÇÃO ECLESIAL

Muitas vezes Comblin foi acusado de ser um crítico excessivo da Igreja. Uma de suas conferências mais comentadas um pouco antes de sua morte foi a de título Igreja: crise ou esperança? Pronunciada em março de 2010, na UCA – Universidade Centro Americana José Simeón Cañas, em El Salvador, por celebração do 30º. Aniversário de morte de D. Oscar Romero.

Ora, aos olhos desatentos e não percebendo sua metodologia de pensar, de desconstrução e construção, ele parecia um pessimista. Foi acusado abertamente de não amar a Igreja, por aqueles que não o conheciam ou que não sabiam que a crítica é própria do amor ao contrário de aceitar tudo de forma passiva. Seguramente seu jeito belga de ser, sua timidez

pessoal e sua não timidez ao apresentar de forma tão realistas suas ideias desse a ele a impressão de amargura e pessimismo.

Comblin era sobretudo um profeta e um visionário de espírito livre que buscava a partir do Evangelho, libertar aos que o cercavam. Liberdade é uma das palavras-chaves de seu pensamento e igualmente expressada em sua forma de viver. Sua liberdade era marcada pela simplicidade e desapego aprendidos na convivência com os pobres do Nordeste brasileiro, e por sua profundidade espiritual e moral. Contrariando os olhos alheios afirmaria Comblin ao seu amigo e Cardeal de Bruxelas Joseph Sunnens: "*O senhor sabe que eu não desejo outra coisa que servir a Igreja e aos Bispos. Mas me falta às vezes um pouco de habilidade*".[3]

Profetas e visionários têm pressa e coragem. Seguramente por terem a capacidade e dom de verem mais além do que os demais, prevejam a urgência das necessidades e dos novos rumos a tomar. Em muitos temas Comblin mesmo se apresentava dessa forma. Quando todos estavam pensando ainda em determinado tema indo em um sentido, ele estava em sentido contrário. A forte percepção que tinha da realidade dava-lhe certezas de novos caminhos a seguir. Infelizmente muito de seus críticos não compreenderam essa sua riqueza.

Por isso, sua percepção eclesiológica não era diferente. Sua experiência vivida na Igreja Europeia e na América Latina, dava-lhe a amplitude de formas distintas de constituir-se em comunidade. Não por acaso, uma das razões que dava para sua vinda à América Latina, era o reconhecimento de que a Igreja de Pio XII entrara em declínio pastoral. Unindo experiência e sagacidade; antropologia e Evangelho, Comblin inicia nos anos sessenta, sua reflexão sobre as questões da Igreja, na obra Échec *de l'action catholique*? (1961), ainda que de forma bastante "europeia",[4] e que permearão continuamente sua reflexão.

Acreditando em um modelo de Igreja, que ele não denominou, mas que era oposto a Igreja Romana eu denominei na minha Tese Doutoral, de "*outro modelo de Igreja"*, propõe a volta a simplicidade das origens; um projeto que situado no presente da história é aberto à realidade e aos imprevistos do mundo e por isso toca as pessoas e suas vidas concretas.

Nesta outra Igreja, se encontram os que aceitam o desafio de viver no mundo atual o Evangelho como nas primeiras comunidades e se fazer presença no mundo não pelo poder, senão pelo serviço humilde aos pobres da sociedade. Esses acreditam que esse é o futuro que Deus deseja para sua Igreja e não o modelo de cristandade conquistadora do mundo. São as pequenas minorias, mas seus testemunhos estimulam aos demais a viver de outra forma, a trabalhar para construir uma sociedade onde a compaixão pelos mais frágeis seja o principal valor. Vivem em comunidades abertas com todos os que são atraídos pelo Evangelho e por isso dão credibilidade à Igreja. E aí encontram-se de forma majoritária leigos e leigas.

[3] ARCHIVES MALLINES-BRUXELLES. *Carta José Comblin*, 24/06/1968. Mallines (Bélgica): Centre Archives de Mallines-Bruxelles. Disponível em www.unicap.br/comblin. Centro de Pesquisa e Documentação José Comblin.
[4] Destacamos essa perspectiva "europeia", porque em nossa análise Comblin inicia a integração em seu pensamento de sua experiência europeia e latino-americana a partir de 1965, quando inicia seu trabalho em Recife.

Estruturas e necessidade de renovação

Por isso, para Comblin era necessário construir o futuro a partir de nova perspectiva, que exige escutar as críticas que foram impostas à Igreja a partir dos anos sessenta. E seu pensamento se centra especialmente em quatro questões: 1) a paróquia que se tornou obsoleta, e segundo G. Routhier (2022): falida, uma vez que preparam os cristãos para se amarrem ao redor dos sacramentos e festas litúrgicas ao invés de os impulsionarem a sair, 2) a burocracia que sobrepôs a essência evangelizadora e formativa da Igreja. A burocracia tornou-se ponto primeiro para acesso ao religioso, 3) a necessidade de descentralização que se vincula 4) a formação do clero, religiosos ou leigos. Nos deteremos aqui nas duas últimas especialmente na formação de Leigos/as.

A necessidade da descentralização e a mudança na formação, para Comblin deverá ser não mais somente no nível da catequese infantil, mas sobretudo na formação dos adultos. O modelo que se apresenta é para uma formação infantil pode ser muito eficiente, mas não há continuidade na vida adolescente e adulta, e acabam por formar *adultos cristãos infantilizados*, aqueles que sabem do cristianismo apenas o que lhes foi ensinado quando crianças. Daí a prioridade na formação de adultos em especial dos que estão nas paróquias de forma a lhes motivar o trabalho missionário. Esse é, a seus olhos de Comblin o desafio prioritário, ao lado da formação de ministros preparados para acolher e suportar aos formandos. Dirá Comblin: "*Todos os cristãos necessitam de uma formação evangélica profunda, de diversos níveis. Os evangélicos entenderam muito e têm uma larga tradição nesse sentido*" (2012, p.43).

Sem formação sólida, os leigos não podem compreender e expressar no mundo o anúncio evangelizador que ficará perdido, e por isso a urgência de Comblin ao afirmar: "*Se quisermos evangelizar o mundo, precisamos tomar como prioridade a formação de leigos em todos os ambientes*" (2007, p.56).

A FORMAÇÃO DE UM LAICATO PROFÉTICO

E a questão da formação e a criação de novas possibilidade para atualizá-la, sempre lhe foi cara. De fato, desde que chegou ao Recife em 1965, Comblin trabalhou nos processos de formação internos do seminário e na academia. Capitaneados por Marcelo Carvalheira, Comblin e o pastoralista francês René Guérre, com larga experiência pastoral trazida do Seminário do Prado em Lyon e dos padres operários franceses, colaboraram com a estruturação do instituto que primava pela nova formação dos anos pós-conciliares que por primeira vez incluía os leigos na academia. A visão da formação proposta se colocava em linha com o momento pós-conciliar e seria descrita por Marcelo Carvalheira:

> Que [aqueles que estejam na formação] sejam profetas do meio popular. Que vejam o que os outros não veem e promovam não somente palavras que consolam, mas

> também as que incomodam contra todas as desordens estabelecidas de toda sorte. (CARVALHEIRA, 1966, p. 356).

Efetivamente, Comblin era um estudioso dos modelos de formação sacerdotal herdados da romanização da segunda metade do século XIX, que representava nada mais que a transplantação do modelo europeu burguês à realidade brasileira. É lutando contra esse modelo que propõe e efetiva uma série de ações: a) a inserção de seminaristas nos bairros pobres do Recife e a autorização para o trabalho fora da pastoral, b) o projeto de formação Rural que ficou conhecido como a Teologia da Enxada entre 1969 e 1971; c) a solidificação das Cebs e, d) a formação do Laicato. Destaco aqui os dois últimos que são intrinsicamente interligados.

AS CEBS: PERSPECTIVA COMUNITÁRIA

As Comunidades Eclesiais de Base estiveram sempre presentes no pensamento de Comblin, não somente por sua nova perspectiva se ser Igreja, que segundo Pedro Casaldáglia: essa era A forma de ser Igreja, mas pela importância que o conceito de comunidade assume em seu pensamento.

Para ele as Cebs não seriam somente para a revelação de novos ministérios laicos na pastoral e na comunidade, formados por responsáveis ou animadores reconhecidos como orientadores e aceitos como líderes em serviço somente na perspectiva intracomunitária.

Ao contrário, Comblin apostava no ministério missionário laico, nascido na AL, no qual missionário é toda pessoa enviada por sua comunidade de origem, para evangelizar os que não pertencem a ela, configurando uma Igreja itinerante rumo ao descobrimento do desconhecido que se põe em movimento no espaço e sai em busca de pessoas novas. Ao que hoje o Papa Francisco chamaria de uma "igreja em saída"

Para Comblin, esses leigos e leigas se constituem como uma expansão ou desenvolvimento do movimento das CEBs, ou melhor, uma nova etapa do mesmo movimento, operando nele mudanças substanciais. Trata-se de uma realidade nova à qual não se faz nenhuma alusão nos documentos eclesiais sobre as CEBs, que eram passíveis de correção naquilo que ela poderia ter de rígido ou fechado em si mesma. (COMBLIN, 1980, p.627).

Por isso a urgência em formar Missionários leigos/as que se complementam com as CEBs em modos diferentes de viver (para dentro e para fora da Igreja) . Esses leigos/as são os que, impulsionados pelo Espírito de Jesus, assumem espontaneamente um modo de viver itinerante, evangelizando em povoados e lugares isolados e reunindo pessoas nas praças e nas ruas e reconhecidos pelas Igrejas Locais como missionários e profetas evangelizadores. Trata-se de uma expressão de Igreja itinerante que circula pelos caminhos do mundo.

A FORMAÇÃO PROFÉTICA DO LAICATO

É nesse sentido que afirmará o Pe. Laga: "*A experiência da missão, associada à formação de leigos e leigas, é especialmente a mais querida de Comblin*". (ARQUIVO PESSOAL CARL LAGA, 2000). Se a experiência da Enxada era focada na mudança da formação sacerdotal, os CFM (Centros de Formação Missionária) são até hoje completamente dedicados à formação de leigos e leigas que residem e atendem às comunidades distantes dos grandes centros, no meio do agreste nordestino, aonde o clero, por diversas razões, não chega. Hoje, diríamos que muitas dessas mulheres aí formadas seriam sérias candidatas ao diaconato feminino.

Ora, Comblin não imagina nem qualquer formação para os leigos/as e nem a formação de qualquer leigo. Seu método de formação é estruturado na centralidade da narrativa de si e dos fatos da vida que pudessem ser relidos à luz do Evangelho. Isso significa que sua formação buscava construir não apenas repetidores do Evangelho e de Doutrina, mas de agentes eclesiais que apoiados pela partilha comunitária, passassem a compreender-se no mundo de outra forma. Expressando a consciência que tem de suas duras realidades do meio rural e das lutas por seus direitos à luz do Evangelho, Comblin construía junto a eles, de forma crítica um "artefato teológico", (uma narrativa que diz algo de e para Deus) consistente, contextualizado, que os permitiam ser mediadores da história que ajudam a construir.

A CHAMADA PROFÉTICA DA LINGUAGEM – PAUL RICOUER

A narrativa utilizada no método combliniano, é remarcada pelas perspectivas: comunitária, profética e missionária. Sem ser excludentes entre si, essas três devem ser constituintes da identidade formativa de leigos/as. Das três perspectivas, a Profética é a que mais se destaca em seu pensamento, sintetizado em sua obra: *A profecia na Igreja* (2008).

É interessante pensar como a aplicação da narrativa no método de Comblin aproxima-se do conceito de Ricœur, para quem em sentido mais específico as narrativas, trazem consigo o papel profético da linguagem narrada. Elas são expressadas pelo "*sujet convoqué*" (Ricoeur,1988, p.83), ou seja, aquele que expressa sua vocação profética (através de suas narrativas).

Segundo Ricouer, as narrativas proféticas, constituem uma sequência de narrativas bem delimitadas, que demonstram seus emissores como mediadores de uma história em marcha, de uma história imanente que somente eles veem e interpretam segundo seu julgamento (Ricoeur,1988, p.85). Uma linguagem que se inicia com um indivíduo que é membro de uma comunidade e que é posteriormente deslocado a um papel específico e pessoal de uma vocação que o torna a exceção (Ricoeur,1988, p.85), arraigado na condição de realização de seus desejos próprios em favor de uma comunidade.

Neste sentido, dirá Ricœur, a narrativa profética pode ser analisada em três fases: a primeira, dentro de uma estrutura de confrontação entre realidade e Deus; a segunda, em uma estrutura de memória no sentido de origem, e a terceira no sentido de envio. Tomando consciência da realidade, guardando sua origem, o que narra de forma profética, se assume como enviado a expressar-se, mesmo se antes apresenta objeções que serão superadas (Ricoeur,1988, p.86-87). A narrativa se faz humana. Dirá Ricœur:

> Tal esquema de '*moi prophétique*' (eu profético) é perfeitamente singularizado pelo chamado, pela resposta, pela resistência. O chamado o distingue da comunidade do povo e o constitui em exceção dentro do sentido mais alto, e o chamado o reenvia e o prende de novo a seu povo. (Ricoeur,1988, p.88).

Dessa dinâmica surge um novo paradigma sobre o Soi (si mesmo): "a transformação *crística*" daqueles que anunciam. Retomando a ideia da imagem de Deus (Gn 1, 26 e 2 Cor 3, 18), a que todos são chamados, o autor ressalta que o homem cristão se transforma em *christomorphe*, ou seja, a imagem da imagem por excelência, construída pela tríade glória de Deus, glória de Cristo e glória do homem. Dirá o autor: "*Ao fim da cadeia, da mediação que remonta a sua origem, o 'Soi christomorphe' é a imagem sempre mais gloriosa do apóstolo*" (Ricoeur,1988, p.90). São esses que tem claramente a consciência e que reinterpretam o *Kerigma*, e por isso este pode ser anunciado de forma contextualizada e atualizada.

CONCLUSÃO

São a estes que Comblin desejou formar. Creio ser seu contributo que nos abre prospectivas para retomarmos hoje a formação de leigos/as, que a meu ver serão a solução de continuidade da Igreja a longo prazo. O desejo de Comblin era em última instância formar leigos e leigas "*cristofórmicos*" através de uma formação que colocava a centralidade na experiência humana, antes que nas fórmulas e doutrinas, catecismos, códigos de direito canônicos, mãos e posições (de um Evangelho de pacote como diz Joseph Moingt).

Para ele leigos/as merecem mais que uma simples formação, que gere o nascimento de uma maneira nova forma de sermos Igreja. A forma como o compreende o laicato, que deve estar fora da Igreja, e sua metodologia narrativa propicia a seus participantes o engajamento num percurso que os ajuda a apropriar-se de sua vocação missionária, desvelando junto com esta o sentido profético de sua missão. Expressar-se narrando-se permite ao sujeito a tomada de consciência de si, de seu contexto, e a apropriação de sua identidade *crística* à luz do Evangelho que anunciam. A partir da consciência adquirida das escutas das narrativas críticas, leigos e leigas tornam-se "*sujeitos convocados*", transformados pelo Evangelho e prontos para o anúncio e a denúncia, que se tornam gestos tão próprios do "*Soi profético*".

A questão é que em termos estritamente teológicos, a construção de um "*Soi profético evangélico*", não cabe nos canais tradicionais da formação que insistimos nos dias ainda hoje.

Antes, e aqui encontra-se a "*prospectiva para os dias atuais*", passa pela disponibilidade de homens e mulheres, que reconhecendo-se nas histórias narradas de si e das realidades onde se situam, consolidam-se como *sujeitos convocados* à defesa da vida e da justiça em seus contextos, e impulsionados pela ação do Espírito Santo colocam-se na dinâmica e na abertura ao mundo exterior à Igreja, de forma reflexiva, consciente, com sentido de pertença ao Evangelho e engajados no processo de desvelamento do RD na história.

REFERÊNCIAS

ARCHIVES MALLINES-BRUXELLES. Carta José Comblin, 24/06/1968. Mallines (Bélgica): Centre Archives de Mallines-Bruxelles.

CARVALHEIRA, Marcelo. O tipo de padre que a Igreja espera após o Vaticano II. In:Revista Eclesiástica Brasileira 26, (1966), p.356-371.

CELAM. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília / São Paulo: Edições CNBB / Paulus / Paulinas, 2007, 170-172. (Doravante citado pela sigla DAp).

COMBLIN, J. O Espirito Santo e a tradição de Jesus, São Paulo, Ed. Inhanduti, 2012.

COMBLIN, J. As grandes incertezas da Igreja atual, IN; Revista Eclesiástica Brasileira, REB, 265 (2007), p. 36-58.

COMBLIN, J. O Povo de Deus, São Paulo, Paulus, 2000.

COMBLIN, J. Se a Igreja não mudar de modelo será abandonada pelas massas, IN: Revista Eclesiástica Brasileira, REB, 212 (1993), p. 916-923.

COMBLIN, José. O novo ministério de missionário na América Latina. In: Revista Eclesiástica Brasileira160 (1980), p.626-625.

COMBLIN, José. A Profecia na Igreja, São Paulo, Paulus, 2008.

COMBLIN, J. O Provisório e o definitivo. São Paulo, Herder, 1968.

COMBLIN, J. La cultura de los pobres, IN: Revista Pastoral Popular 195 (1965), p. 02-12.

COMBLIN, J. Échec de l'action catholique? Paris: Ed. Universitaires, 1961.

RICŒUR, Paul. Le sujet convoqué. A l'école des récits de vocation prophétique. IN : Revue de l'Institut catholique de Paris, 28, 1988, p. 83-99.

LEUVEN, Arquivo Pessoal Carl Laga (ACL), Lettre de José Comblin, 20/09/2000.

ROUTHIER, G. A paróquia clássica está se desfazendo. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622789-gilles-routhier-a-paroquia-classica-esta-se-desfazendo-lentamente (5/10/22). Acesso em 04/05/23.

SOUZA, A. La desconexión entre la acción y la esperanza en el pensamiento de José Comblin, Tese (Doutorado). Université catholique de Louvain, Bélgica, 2014.